

INTRODUÇÃO

A poesia existe desde tempos imemoriais. Seu surgimento antecede até mesmo o surgimento da escrita seja na sociedade ocidental como na oriental. Não há, como nos assevera Octávio Paz, sociedade sem poesia. Um mundo sem poesia seria semelhante a um jardim que perdeu a sua beleza e as suas forças vitais e tudo o que faz é continuar apenas existindo.

Dada a importância da poesia, é inegável que por vezes a poesia e os poetas sofreram e encararam os desafios e as tristezas do seu tempo de forma honrosa de diferentes formas, em diferentes contextos histórico-sociais. Virgílio criou a *Eneida* que em seus muitos cantos trazem à baila a questão da formação mítico-histórico do povo Romano; o poeta Francês Charles Baudelaire em seu livro *As flores do mal* nos apresenta um mundo em que o homem moderno e principalmente o homem cidadão precisa se reencontrar, não raro na poesia de Baudelaire é possível observar o senso de solidão do homem moderno.

Comparações à parte estes poetas e suas obras respiraram o seu tempo e dialogaram com ele, de diferentes formas, mas de maneira única e apaixonante. Tendo-se em vista a ligação entre o poeta e o seu tempo, foi que se pensou na poesia sobre o signo de grandes mudanças.

A Revolução Industrial inglesa, um dos maiores eventos transformadores da sociedade ocidental, deixou marcas profundas na sociedade em fins dos séculos XVIII e início do século XIX. Mudanças que inicialmente podem parecer apenas positivas, mas que no final das contas funcionaram como objetos de desigualdades sociais e degradação da vida dos trabalhadores.

Dessa forma, a questão problematizada, foi como essa opressão da Revolução Industrial inglesa é vista ou representada na obra de William Blake, autor representativo do Romantismo Inglês que se desenvolveu paralelamente à Revolução Industrial.

Reside aí justamente a relevância dessa pesquisa, pois é um trabalho que busca conhecer as relações da literatura, com um acontecimento sem igual na história da humanidade, que foi a Revolução Industrial.

Para realizar essa pesquisa foi necessário trabalhar com fontes variadas, pois o estudo abrangia um diálogo muito grande com diversas áreas. Foram utilizados os trabalhos de Hobsbawm (2010) e Engels (2008) tendo-se em vista a necessidade de construir, ainda que de forma superficial, o período histórico no qual se insere a Revolução Industrial bem como

compreender as relações de trabalho e exploração a que foram submetidos os cidadãos ingleses da época.

Foram utilizados Frye (1969) em seu estudo pioneiro sobre a obra de William Blake, Locke (1999) no que se refere à sua obra como contemporânea de Blake e também como Blake dialoga com esse trabalho.

Guinsburg (1979) e Berlin (2001) fundamentaram essa pesquisa no que se refere à reconstituição do período Romântico em seus referenciais históricos e estéticos, Singer (2005) fundamenta esse trabalho principalmente na sua descrição biográfica da vida de Blake.

Com essas obras como material basilar essa pesquisa pretendeu analisar as imagens de opressão da Revolução Industrial inglesa em poemas de William Blake. Como a análise pretendida possui um enfoque sociológico foi realizada uma análise de inspiração sociológica que visava apreender o texto literário e o seu contexto conturbado, pretendendo um diálogo entre literatura e sociologia.

Para a análise das imagens de opressão da Revolução industrial inglesa foram selecionados 4 poemas do livro *Songs of experience*, parte de um trabalho lançado por Blake em fins do século XVIII, período em que passa a se desenvolver a Revolução Industrial na Inglaterra.

Essa pesquisa teve como base metodológica em sua primeira instância uma pesquisa bibliográfica, pois foram utilizados trabalhos já feitos relacionados a tópicos tratados neste trabalho. Em um segundo momento a pesquisa possuiu uma etapa de análise de dados, que teve como *corpus* poemas presentes no livro *Songs of experience*, os poemas analisados foram: *London*, *Chimney-sweeper*, *Infant Sorrow* e *Holly Thursday*.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado *A Revolução Industrial inglesa* é feita uma tentativa de reconstituir a Revolução Industrial em seus aspectos históricos e sociais, bem como compreender as relações de trabalho existentes no período em estudo.

No capítulo intitulado *Contextualizando Blake* foi realizado um estudo da vida e da Obra de William Blake enquadrando-o no movimento Romântico Inglês. E no último capítulo intitulado *Imagens de opressão na lírica de Blake* foi realizado um diálogo entre teorias sobre o discurso, o discurso político e a análise literária. Neste capítulo foi onde se concentrou a análise das imagens de opressão na poesia de Blake.

1 A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL INGLESA

Este capítulo busca fornecer um estudo sobre as condições históricas da Revolução Industrial na Inglaterra e os seus efeitos na sociedade inglesa da época. Foi utilizado como referencial teórico nessa etapa inicial de trabalho Hobsbawm (2010) e Engels (2008) e textos, em sua maioria artigos disponíveis em sítios na internet.

Como o estudo desse evento histórico envolve uma quantidade enorme de leituras, foi preferível dividi-lo para poder dar conta do tópico completo. Assim, existem neste capítulo três tópicos relevantes que buscam “explicar” a Revolução Industrial inglesa.

1.1 A Revolução Industrial inglesa - Símbolo de opressão

No período que precede a Revolução Industrial inglesa encontrava-se um mundo praticamente rural, as pessoas viviam geralmente em suas aldeias durante toda a sua vida e sequer conheciam outras cidades e aldeias. Nos dizeres de Hobsbawm (2010) o mundo do século XVIII era menor, porque até mesmo os homens mais instruídos e bem informados daquela época conheciam muito pouco do mundo que lhe rodeava. Compreende-se assim que era um tempo em que a ligação entre o homem e a terra em termos de relação de trabalho era muito forte.

Os cidadãos ingleses tinham uma vida baseada na produção artesanal familiar na qual cada membro da família desempenhava uma função no processo produtivo. Esse tipo de produção fornecia-lhes a quantidade de dinheiro necessária à subsistência. Nesse tempo a exploração do trabalhador ainda não era tão desumanizante como posteriormente se revelou. Desta forma, as palavras de Friedrich Engels (2008, p. 45) são reveladoras:

Antes da introdução das máquinas, a fiação e a tecelagem das matérias-primas tinham lugar na casa do trabalhador. A mulher e os filhos fiavam e, com o fio, o homem tecia - quando o chefe da família não o fazia, o fio era vendido. Essas famílias tecelãs viviam em geral nos campos vizinhos [...].

Esse panorama foi se modificando drasticamente com o desenvolvimento da Revolução Industrial na Inglaterra no decorrer da segunda metade do século XVIII. Neste período a sociedade inglesa modificou-se de uma sociedade essencialmente rural para uma urbana, com a vida centrada na *polis*. O artesanato, modo de produção que existia desde a Idade Média, dava lugar agora à produção seriada nas grandes oficinas, e surgia a máquina a

vapor, as ferrovias e a utilização cada vez maior de carvão como combustível na busca do crescimento econômico.

Como sabemos, o carvão foi o combustível desse início da Revolução Industrial inglesa, pois com o desenvolvimento das indústrias, da máquina a vapor e a invenção das ferrovias, a necessidade de carvão cresceu enormemente. A produção de carvão mineral contou com a presença de muitos trabalhadores pobres que expostos a jornadas de trabalho exaustivas acabavam sucumbindo à exploração e à miséria. No outro lado desse sistema produtivo estava a utilização cada vez maior do carvão como fonte de energia nas indústrias, nas máquinas a vapor, catapultando o crescimento industrial inglês e realizando o sonho dos empresários de crescer indefinidamente, lucrar o máximo possível com o mínimo de gasto produtivo. Todas as ações estavam relacionadas com o binômio lucrar-explorar, a busca crescente do lucro tendo como base a exploração do trabalho em seus níveis mais desumanos.

Na Inglaterra a indústria têxtil foi a que primeiramente se desenvolveu tendo como válvula de propulsão o algodão da conquista colonial:

O comércio colonial tinha criado uma indústria algodoeira, e continuava a alimentá-la. No século XVIII ela se desenvolvera perto dos maiores portos coloniais: Bristol, Glasgow e, especialmente Liverpool, o grande centro do comércio de escravos. Cada fase deste comércio desumano, mas sempre em rápida expansão, a estimulava. (HOBSBAWM, 2010, s/p)

Compreende-se assim, que a Inglaterra desenvolvia a sua indústria com o algodão obtido da colonização. Nos EUA havia uma grande produção de algodão no estado da Carolina do Sul e a mão de obra de produção de algodão era composta de escravos. Desta forma é possível dizer que a manutenção da indústria de algodão era obtida através da escravidão, elas estavam interligadas.

E o fruto da colonização lotaria os portos de Bristol, Liverpool, para desenvolver a indústria algodoeira britânica e competir com as roupas e tecidos vindos da Índia e do Oriente. Durante séculos a Europa constituiu-se num enorme mercado importador de mercadorias do Oriente e com a Revolução isso começou a mudar.

Outro ponto importante foi a criação das ferrovias na Inglaterra, pois os preços do transporte de carvão (a matéria prima energética) e outros produtos cairiam muito e asseguraria aos empresários um ganho maior ainda que antes da existência das linhas férreas:

Nenhuma outra inovação da Revolução Industrial incendiou tanto a imaginação quanto a ferrovia, como testemunha o fato de ter sido o único produto da industrialização do século XIX totalmente absorvido pela imagística da poesia erudita e popular. (HOBSBAWM, 2010, p.83)

A importância dos trilhos passou a crescer cada vez mais e rapidamente começaram a surgir enormes investimentos por parte de empresários que acreditavam que poderiam lucrar cada vez mais com a utilização das ferrovias, e a imaginação burguesa compreendeu logo rapidamente o poder de transformação e geração de riquezas que eram as ferrovias. Justificava-se assim, porque por volta de 1837, grande parte dos países ocidentais já tinham planos elaborados para a criação de linhas férreas em seus territórios.

No entanto esse *boom* econômico liderado pela indústria algodoeira e os produtos derivados não impediu que houvesse quedas no crescimento da economia e crises financeiras, uma vez que o algodão era que definia os rumos da economia inglesa. A quantidade de algodão bruto importada pela Grã-Bretanha subiu de 11 milhões de libras-peso em 1785 para 588 milhões em 1850; a produção de tecidos, de 40 milhões para 2,025 bilhões de jardas. (HOBSBAWM, 2010, p.74).

Mesmo possuindo esse grandioso mercado produtivo de algodão, a Inglaterra sofria com as oscilações do preço do produto que ao cair levava a uma queda no crescimento da economia e consequentes crises econômicas e revoltas de cunho popular principalmente das classes trabalhadoras. As principais revoltas eram causadas pelas classes trabalhadoras das fábricas e que eram as mais prejudicadas com as crises econômicas, como também comerciantes que sofriam com a Revolução e parcelas da burguesia que também eram vítimas da Revolução Industrial.

Começa-se assim a tirar o véu da Revolução Industrial e a compreender as suas relações com a sociedade da época. Longe de oferecer um crescimento econômico expandido para todos os ingleses, a Revolução Industrial representou um processo de divisão e fortalecimento das desigualdades sociais existentes. O que para os grandes empresários representava o novo modo de se ganhar cada vez mais dinheiro, para os trabalhadores foi mais uma forma de tornar as suas vidas mais sofridas.

1.2 A situação da classe trabalhadora na Inglaterra durante a Revolução industrial inglesa

A situação da classe trabalhadora na Inglaterra no frenesi da Revolução Industrial mudava drasticamente e essas mudanças tendiam a tornar a vida do trabalhador mais angustiante, dura e poderíamos até dizer, desumana; pois trabalhavam muito e não sabiam o destino da mercadoria que estavam produzindo. O destino dessa produção era “escondido” do trabalhador. Nos rumos do desenvolvimento industrial destacaram-se alguns setores da

indústria inglesa e conseqüentemente os trabalhadores, tais como os mineiros, ou os trabalhadores da indústria algodoeira e também poderíamos falar dos trabalhadores rurais, os quais tinham uma importância muito grande na cadeia de produção de produtos agrícolas nessa época.

Em seu livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, Friedrich Engels relata que no período que antecede o surgimento das máquinas da Revolução os trabalhadores trabalhavam geralmente em suas casas e não precisavam se matar trabalhando, pois ganhavam o suficiente para sobreviver e possuíam até tempo para realizar atividades corriqueiras como, por exemplo, regar as plantas de um jardim.

No entanto, com o advento da Revolução Industrial a forma do trabalhador se relacionar com o processo produtivo mudou em uma velocidade impressionante. É perceptiva essa transformação nas relações de trabalho quando se pensa que uns 60 anos antes da Revolução Industrial encontrávamos sociedades primordialmente agrárias e com fortes resquícios do feudalismo.

A produção deixou de ser realizada de modo artesanal como acontecia há mais de 300 anos e mesmo as máquinas de teares começaram a serem construídas para o trabalhador produzir dezoito vezes mais que na máquina de tear convencional. Essa evolução da máquina de tear como destacada, já nos mostra qual o sentido das criações envolvidas na Revolução Industrial. Mesmo com a criação de ferramentas de trabalho modernas, o proletário tinha um trabalho maior que antes. Para produzir mais e enriquecer a classe burguesa, detentora do controle produtivo. O capitalismo estava agora com um novo combustível para se desenvolver e evoluir. No final de contas o que prevaleceu foi a capacidade quase ilimitada da burguesia, composta principalmente de grandes empresários, lucrarem ilimitadamente.

Entretanto não foram apenas as indústrias algodoeiras e conseqüentemente o desenvolvimento de produtos têxteis que se desenvolveram rapidamente na Inglaterra, como nos assevera Engels (2008, p.54):

[...] não se limitou à fabricação de tecidos. Uma vez desencadeado, o impulso do setor têxtil expandiu-se para todos os ramos da atividade industrial e uma série mais importante por ser contemporânea desse movimento geral. Demonstrada na prática a enorme significação do emprego da força mecânica na indústria, buscaram-se meios para utilizá-la em todos os setores e para explorá-la em proveito de seus diversos inventores e fabricantes; além disso, a demanda de máquinas, combustíveis e material de transformação multiplicou a atividade de uma massa de operários e de indústrias.

Subsequentemente ao desenvolvimento industrial, cresceu a produção e extração de matérias primas e combustíveis para suprir as necessidades industriais. Dentre essas fontes não podemos nos furtar de falar sobre o carvão mineral e o ferro, pois essas acabaram sendo as principais fontes de energia e combustível dos princípios da Revolução Industrial. A existência de ferro e carvão em solo inglês favoreceu o desenvolvimento da indústria em setores diferentes do algodoeiro.

Toda essa produção carecia de uma mão de obra muito grande para se desenvolver e é nessa situação que passamos a pensar no operariado inglês. De acordo com os preceitos da sociedade dominada pela burguesia, a produção deveria ser acelerada mais e mais, uma vez que o objetivo era o lucro maior e não a melhoria nas condições de vida da classe trabalhadora. Com isso espalhou-se por toda a Inglaterra oficinas de produção e mais tarde fábricas que exploravam ao máximo a atividade humana do trabalho, levando os operários à exaustão.

Trabalhando em torno de dezesseis horas por dia, trabalhadores pagavam o preço da industrialização inglesa e os lucros e fortunas da burguesia. Seja nas indústrias ou no campo os proprietários abusavam das cargas excessivas de trabalho e “escravizavam” os operários tanto quanto podiam e queriam e os salários não acompanhavam o crescimento econômico, pelo contrário o que se percebe é que houve uma precarização na vida das pessoas depois do advento da industrialização, como nos alude Engels (2008, s/p):

Um dia andei por Manchester com um destes cavalheiros da classe média. Falei-lhes das desgraçadas favelas insalubres e chamei-lhe a atenção para a repulsiva condição daquela parte da cidade em que moravam os trabalhadores fabris. Declarei nunca ter visto uma cidade tão mal construída em minha vida. Ele ouviu-me pacientemente e na esquina da rua onde nos separamos comentou: ‘E ainda assim, ganham-se fortunas aqui. Bom dia, senhor!.

É a contradição de uma sociedade onde se cultiva o desenvolvimento desenfreado, o capitalismo selvagem. A visão de Engels de Manchester contrasta definitivamente com a Manchester geradora de inúmeras riquezas e o que fica claro é certamente a exploração da classe trabalhadora. Nesse ambiente de exploração os operários viviam em casas imundas e em situações degradantes que aos poucos acabavam levando-os à morte prematura, a morte pelo trabalho.

As condições de trabalho pioraram cada vez mais no decorrer da Revolução e se acentuou a prática de colocar mulheres e crianças para trabalhar. Essa prática sempre existiu, mas foi se acentuando porque os empresários descobriram que essa mão de obra era mais

barata que a de um homem adulto. Disso decorre que no final a quantidade de vagas para trabalho diminuía para os homens adultos ocasionando desemprego, uma vez que eram colocadas mulheres e crianças para trabalhar em seus “empregos”.

Para a burguesia esse tipo de exploração tão pouco importava, pois enquanto as relações entre custo e benefício continuassem favoráveis à classe dominante tudo estaria muito bem economicamente. Fica evidente que a acentuação da exploração dos trabalhadores era um mecanismo utilizado pela burguesia para poder lucrar com todo esse mal causado na vida dos trabalhadores.

Em virtude das mudanças desencadeadas pela Revolução Industrial até mesmo os trabalhadores rurais mudaram a forma como viviam, sendo atraídos para a cidade e trabalhando por salários que mal davam para cobrir os gastos da sua subsistência. Desta forma não eram apenas os trabalhadores urbanos vitimados pela exploração, como também empregados rurais que passavam agora a viver uma vida de opressão e exploração. Interessante perceber que no bojo de toda essa exploração estava o pensamento burguês de desenvolvimento ilimitado.

De certa forma o desenvolvimento econômico e social alcançado na Inglaterra e no mundo industrializado dessa época foi maior do que qualquer outro momento da história, normalmente as sociedades anteriores mudavam lentamente e em uma intensidade muito menor. Estava, assim, a Revolução Industrial transformando a sociedade de uma forma rápida e irreversível.

1.3 Os desprivilegiados da Revolução Industrial inglesa - os pobres

Passados os anos de *boom* econômico tinha se criado na Inglaterra uma sociedade cada vez mais desigual. A burguesia concentrava em suas mãos riquezas que a classe trabalhadora poderia apenas sonhar e as condições de vida das pessoas que faziam girar a turbina do desenvolvimento piorava a cada dia. Incapazes de continuar vivendo sob o signo do sofrimento, os trabalhadores em muitos casos revoltavam-se contra as máquinas, sendo que houve certas ocasiões em que eles definitivamente destruíram algumas máquinas, atribuindo o seu sofrimento a tais máquinas.

Era uma Inglaterra mudada. Os cidadãos ingleses viviam uma época em que as condições sociais eram extremamente injustas. A revolução modificou não só as relações de

trabalho, como também as cidades cresceram rapidamente e sem qualquer forma de planejamento, como nos diz Hobsbawm (2010, p.323-324):

As cidades e as áreas industriais cresciam rapidamente, sem planejamento ou supervisão, e os serviços mais elementares da vida da cidade fracassavam na tentativa de manter o mesmo passo: a limpeza das ruas, o fornecimento de água, os serviços sanitários, para não mencionarmos as condições habitacionais da classe trabalhadora.

A vida dos trabalhadores, nesse contexto, tornava-se desumana. Trabalhavam durante enormes jornadas diárias e não possuíam as condições mais básicas para a sobrevivência, não por coincidência é justamente nesse período, por volta da primeira metade do século XIX, que cresceu na Inglaterra o número de doenças ligadas às carências de saneamento básico, a ocorrência de infanticídios, suicídios. Era um pessimismo total que tomava conta do pensamento da época, não raro a vida dos trabalhadores beiravam o pauperismo e a miséria como nos diz Hobsbawm (2010, p. 323):

Destituídos das tradicionais instituições e padrões de comportamento, como poderiam muitos deles deixar de cair no abismo dos recursos da sobrevivência em que as famílias penhoravam a cada semana seus cobertores até o dia do pagamento, e em que o álcool era a “maneira mais rápida de sair de Manchester”.

Encurralados entre o trabalho exaustivo e a miséria, a vida dos trabalhadores ingleses era tão difícil que surgiam grandes quantidades de trabalhadores que enveredavam pelo caminho perigoso do álcool. Essa atitude de fuga da realidade passou a ser cada vez mais comum na época.

A situação de pobreza das classes trabalhadoras na Inglaterra não estava presente apenas nas cidades, no campo também essa exploração era forte, pois os trabalhadores rurais eram “arrancados” de seu modo de vida baseado no contato com a terra e passavam a ser empregados da burguesia. Em momentos de catástrofes agrícolas, como uma má colheita, os trabalhadores rurais morriam de fome, uma vez que não havia reservas de riquezas.

Geralmente os trabalhadores rurais ingleses desse período eram dos seguintes tipos: trabalhadores assalariados que não possuíam propriedades, os trabalhadores rurais domésticos e os camponeses pobres. Dentro desse grupo destacamos os trabalhadores rurais, pois foram eles que mais sofreram na Inglaterra, na Irlanda e no resto da Europa durante a onda de fome ocasionada por más colheitas durante os anos de 1795 a 1847 no continente europeu.

Esse quadro desolador mostrava sim que “[...] o hiato entre os ricos e os pobres certamente estivesse crescendo de uma maneira bem clara” (HOBSBAWM, 2010, p.328). Percebe-se que a classe trabalhadora em si era explorada tanto no campo como nas cidades inglesas e em pouco tempo essa exploração, que não deixava os cidadãos pobres terem uma vida decente, tornava-se pública.

Dados de 1840 apontaram que a expectativa de vida dos trabalhadores rurais de muitos lugares na Inglaterra era até duas vezes maiores do que em cidades como Manchester ou Liverpool, centro portuário do início da Revolução Industrial. Essa diferença na expectativa de vida é esperada, pois os trabalhadores urbanos estavam expostos diariamente a todo tipo de material derivado do ferro, partículas que ficavam em suspensão no ar que ao serem inspiradas passavam a causar problemas de saúde e por fim corroer os pulmões dos trabalhadores.

Estima-se que os operários que trabalhavam polindo metais foram os que mais sofreram com doenças relacionadas à presença de partículas em suspensão no ar e que ocasionou grande mortalidade entre a classe trabalhadora, cada vez mais explorada no jogo capitalista.

Durante todo esse período de opressão e exploração, os trabalhadores aos poucos resolveram se unirem para lutar por condições melhores, surgem nessa época as grandes associações dos trabalhadores, o início da atividade sindical e o movimento operário. Nunca na história do Ocidente se viu tanta agitação entre os trabalhadores que estavam dispostos a lutar até o fim por melhores condições de vida.

O grito dos trabalhadores era para os grandes empresários da época que os tratavam como escravos e através disso ganhavam muito dinheiro e acumulavam quantidades enormes de riquezas. Foi o grito contra a opressão das fábricas, onde um patrão e um supervisor, preocupados apenas com o lucro, assistiam à morte de seus empregados.

Pode-se dizer que entre os trabalhadores urbanos é que houve uma crescente organização em torno de sindicatos e associações da classe trabalhadora e como afirma Hobsbawm (2010, p. 333), houve uma mudança:

O verdadeiramente novo no movimento operário do princípio do século XIX era a consciência de classe e a ambição de classe. “Os pobres” não mais se defrontavam com os “ricos”. Uma classe específica, a classe operária, trabalhadores ou proletariado, enfrentava a dos patrões ou capitalistas.

Essa divisão já existente desde que se iniciou a Revolução Industrial inglesa confrontava agora trabalhadores com objetivos comuns, contra um inimigo comum. Já não é

o grito apenas de um trabalhador explorado no trabalho exaustivo, mas uma classe que se levantava contra as formas burguesas de exploração.

Nesse ambiente agitado foi que aconteceram mudanças que transformaram para sempre a Inglaterra e o mundo europeu. A luta de classes mobiliza os países até hoje, a luta por uma divisão menos injusta das riquezas é o que sempre se buscou fazer e a importância dessas rebeliões contra a exploração foi certamente um marco na Inglaterra como na Europa, talvez tenham até inspirado Karl Marx e Friedrich Engels a utilizar a seguinte frase: “trabalhadores de todo o mundo uní-vos!” no famoso manifesto comunista de 1848.

Ao percebermos as mudanças ocasionadas na Inglaterra pela Revolução ficamos surpreendidos com tamanha mudança em tão pouco tempo. Foram mudanças rápidas, a vapor. Em poucos anos esqueceu-se um modo de vida rural que durou séculos e séculos para ser construído e estabilizado.

O modo de produção capitalista substituto do feudalismo fortaleceu-se e ganhou mais força impulsionada pela industrialização inglesa. Na indústria os empresários encontraram a fonte inesgotável de riquezas e o capitalismo mostrou a sua fase mais dura.

A situação de exploração a que eram submetidos os trabalhadores ingleses demonstram o quanto de vidas humanas foi gasta para produzir uma sociedade desenvolvida como a inglesa no século XIX. E a opressão e a exploração foram figuras dominantes no curso da Revolução Industrial.

2 CONTEXTUALIZANDO BLAKE

Este capítulo busca fornecer uma breve visão sobre o Movimento Romântico e também a posição do escritor William Blake dentro do Movimento Romântico. Fez-se uso dos trabalhos de Frye (1969), Locke (1999), Guinsburg (1979), Berlin (2001) e Singer (2005) com o objetivo de fundamentar o trabalho em seus referenciais históricos e quanto ao trabalho e a vida de William Blake.

2.1 O Romantismo

A Revolução Industrial como evento transformador de paradigmas sociais diminuiu distâncias, aumentou a produção de riquezas no continente europeu e abriu caminho para o desenvolvimento capitalista que passou a dominar o cenário da Europa e mais tarde o mundo.

Os anos de crescimento econômico acelerado por vezes escondiam das pessoas os traumas trazidos pela Revolução. De acordo com Lobo (1985) as consequências da Revolução Industrial só foram sentidas depois de muitos anos após o seu início, pois no contexto dessas mudanças econômicas e crescimento vertiginoso nunca visto na história, a população permanecia cega às reais consequências trazidas por ela.

Compreende-se, assim, que para haver uma tomada de consciência por parte da população foi necessário muito tempo, esse tempo mostrou-se de extrema exploração. E essa tomada de posição tardia aconteceu também em relação à arte, pois se fôssemos estabelecer um quadro histórico, o número de artistas que “denunciavam” ou refletiam em suas obras os problemas advindos da Revolução passou a ser mais comum entre o fim do século XVIII e início do século XIX. Entende-se, desta forma, que demorou em haver o surgimento de um engajamento político-social.

Convergente com o surgimento de uma vida industrializada ganhava espaço na Europa o Romantismo. Antes de ser um movimento político, social ou uma tendência nas artes, o movimento romântico representou uma nova visão de mundo que passou a influenciar a vida das pessoas e as artes da época como nos assegura Guinsburg (1978, p. 14):

[...] O Romantismo designa também uma emergência histórica, um evento sócio-cultural. Ele não é apenas uma configuração estilística, ou como querem alguns, uma das suas modalidades polares e antitéticas - Classicismo e Romantismo - de todo o fazer artístico humano. Mas é também uma escola historicamente definida,

que surgiu num dado momento, em condições concretas e com respostas características à situação que se lhe apresentou.

Tendo-se em vista essa ideia do Romantismo como um movimento emergencial para uma dada situação histórico-social, há sem dúvida de mencionar a sua função transformadora que deixou de lado uma visão de mundo pautada em valores que levaram séculos para serem construídos, e revelou um novo mundo repleto de imaginação e criação nunca visto na história da humanidade. Convém destacar que o solo no qual floresceu o Romantismo, é o mesmo que séculos atrás havia dado origem ao Renascimento o qual trouxe uma renovação nos padrões estéticos das artes e uma mudança fundamental para o futuro surgimento do Romantismo.

Para compreender as transformações no tocante ao Romantismo é preciso antes de tudo compreender em que contexto foi que se desenvolveu o Romantismo na Europa. Nas palavras de Nachman Falbel o Romantismo é fruto de dois eventos, a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Neste caso é de certa forma explicável o caráter plural do Romantismo, tendo-se em vista o substrato do seu surgimento.

Durante os anos cruciais da Revolução Francesa houve uma verdadeira tomada de controle das ideias racionalistas por toda a Europa. Existia na verdade uma enorme efervescência no pensamento da época que acabaram por moldar os valores e a forma como pensamos a nós mesmos e o mundo. Tanto que Berlin (2001) aponta o Romantismo como o maior evento transformador da sociedade ocidental, acrescentando ainda que muitas mudanças ocorridas no decorrer dos séculos XIX e XX são desdobramentos de mudanças ocasionadas pelo Romantismo.

Cabe aqui mencionar, entretanto, que o Romantismo é herdeiro inegável do processo de que ficou conhecido como Renascimento, e na Inglaterra esse movimento fincou raízes profundas nas artes como se nota a riqueza de manifestações artísticas da época. Assim, esses dados tendem a situar o Romantismo como parte de um processo, não o início de um.

No período que começa a ganhar espaço na Europa as ideias do Romantismo é um tempo em que ocorre uma verdadeira dissolução dos grandes regimes absolutistas. Cada vez mais os europeus passam a buscar liberdade e melhoria nas condições de vida, fato que passou a ser mais notável com o desenvolvimento da Revolução Industrial inglesa.

Da França espalhou-se a Revolução Francesa que com seus ideais de igualdade, liberdade e fraternidade influenciaram fortemente os ideais românticos. Longe de significar um evento isolado, essa Revolução mostrou ao continente europeu ideias novas e condizentes com o novo panorama de vida europeu, que era repleto de novidades. Em meio ao avanço

gigantesco da ciência e a expansão do pensamento racionalista, é que surge a visão romântica de mundo e de arte, grande influenciadora da cultura ocidental.

Essa visão de mundo e de arte permitiu a produção de obras artísticas cuja estética divergiam completamente do que vinha sendo produzido anteriormente, pois o Movimento Romântico buscou mudanças dos cânones estético-artísticos da época. Prova disso é a procura anterior do classicismo de uma volta à “época de ouro” das artes representada pelo retorno da poesia e artes clássicas da Grécia antiga, dos versos cuja harmonia ditava os padrões de escrever bem.

Esse panorama de produção artística foi se transformando rapidamente com o advento do Romantismo. Embora as obras românticas busquem o universal, o comunicável a um público sempre grande, é possível destacar em obras românticas um grande espaço dedicado ao ser comum, ao morador da vila longe dos reis e rainhas, aos eventos considerados comuns da vida. Essas mudanças rápidas no modo de pensar e fazer arte surgiu de uma época totalmente diferente como afirma Berlin (2001, p.6).

[...] Existe paz, calma, construções elegantes, há uma crença na aplicação da razão universal tanto para o ser humano como para a prática artística, para a moral, a política, a filosofia. Então há uma súbita, aparentemente incontável, invasão. De repente há uma violenta erupção de emoções, entusiasmo. As pessoas se tornam repentinamente neuróticas e melancólicas. As pessoas se tornam interessadas em construções góticas, na introspecção. [...].

É desta forma perceptível que as mudanças trazidas foram grandes e rápidas e mexeu profundamente com o modo de ser das pessoas. É no meio dessas mudanças que escritores de todo o mundo nos revelam um mundo plural através de seus escritos. É desse caldeirão formado por revoluções que passamos a ler as obras literárias. Da Alemanha, tido como o marco inicial do Romantismo, saiu *Os sofrimentos do jovem Werther* de Johann Wolfgang von Goethe.

Este livro é considerado por muitos como o marco inicial do Romantismo e possui algumas das emergências do pensamento romântico. O jovem Werther apaixona-se por Carlota, mulher casada. Por causa desse fato o seu amor resulta incorrespondido. A cada reação de Carlota mesmo que seja contrária, a paixão e devoção só aumenta à mulher amada. Diante da impossibilidade de ter em troca todo o amor devotado a Carlota, o jovem Werther suicida-se.

A obra tem sido lida sob vários prismas ao longo do tempo e quase sempre recai grande atenção ao personagem principal, Werther. Seu jeito emotivo, essa paixão à flor da

pele, esse senso de solidão a que ficou inundado o ser de Werther, é bem típico do Romantismo, caracterizando o jovem Werther como um romântico em essência.

Ganhou espaço também durante o período romântico a busca pelo sobrenatural, o misterioso, castelos assombrados, o gótico. Neste caso é notável a presença de John Polidori como o autor da primeira narrativa famosa de um vampiro, com *The vampire*. Como se sabe, as histórias sobre vampiros têm ao longo do tempo sido adaptadas seja em outras obras literárias, como no *Dracula* de Bram Stoker, ou em filmes e séries.

Independentemente que seja em filmes ou séries, a presença do sobrenatural e misterioso romântico indica não só o desvencilhamento de temas outrora tratados como importantes, como também uma possível fuga da ordem existente, um espaço de busca de compreensão para situações ou narrativas que a ciência não podia explicar, ou algo que é caro aos românticos, dar asas à imaginação.

O Romantismo na Inglaterra se desenvolveu sob a influência direta da Revolução Industrial que trouxe inúmeras mudanças no panorama do país; e da Revolução francesa, principalmente nos seus ideais de liberdade. Em meio ao surgimento das indústrias e ao crescimento vertiginoso da economia, poetas ingleses como William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge preferiram refugiar-se na natureza, como se segue no poema *Daffodils* de William Wordsworth: (apud CARTER; MCRAY, 2001 p.207)

I wandered lonely as a cloud¹
That floats on high o'er vales and hills,
When all at once I saw a crowd,
A host, of golden daffodils;
Beside the lake, beneath the trees,
Fluttering and dancing in the breeze.

¹ Eu vagava solitário como uma nuvem/ que flutua sobre os altos vales e colinas,/quando inesperadamente e avistei uma multidão,/de narcisos dourados;/ ao lado do lago, abaixo das árvores,/vibrando e dançando na brisa./ Contínuo como as estrelas que brilham /e cintilam na via láctea /eles se esticaram em uma linha interminável /Ao longo da margem de uma baía: /Dez mil eu vi de uma olhada,/ sacudindo suas cabeças em alegre dança. /As ondas do lado deles dançavam; mas eles/ cintilaram nas ondas em alegria/Um poeta não podia estar, senão alegre/ com companhia tão aprazível:/ Eu olhei—e olhei—mas pensei pouco /Que riqueza a vista me trouxe: /Pois frequentemente, quando eu deito em meu sofá/ De modo vago e pensativo,/ Eles brilham no olhar interior/ no qual está a alegria da solidão; /e então meu coração enche de prazer, /e dança com os narcisos. (tradução nossa).

Continuous as the stars that shine
And twinkle on the milky way,
They stretched in never-ending line
Along the margin of a bay:
Ten thousand saw I at a glance,
Tossing their heads in sprightly dance.

The waves beside them danced; but they
Out-did the sparkling waves in glee:
A poet could not but be gay,
In such a jocund company:
I gazed--and gazed--but little thought
What wealth the show to me had brought:

For oft, when on my couch I lie
In vacant or in pensive mood,
They flash upon that inward eye
Which is the bliss of solitude;
And then my heart with pleasure fills,
And dances with the daffodils.

Através da personificação e comparação o eu lírico coloca-se como uma nuvem que observa um campo de narcisos. A presença da nuvem indica uma visão privilegiada do eu lírico que pode observar com mais nitidez os narcisos, pode agradecer-se com a beleza da natureza, como também um estado emocional do eu lírico que se encontrava em monotonia, distraído, daí a referência a uma “nuvem solitária”.

No decorrer do poema o eu lírico segue descrevendo os narcisos, nesse caso observa-se um sentimento de encantamento quando o eu lírico se refere às flores. A posição que antes era de observador, passa a ser no decorrer do poema de participante. O eu lírico (nomeadamente) poeta afirma que diante da presença dos narcisos, de tal “companhia aprazível” ele não pode estar, a não ser feliz. Observa-se também que nas primeiras três estrofes o eu lírico relata tudo no passado, enquanto na última se refere no presente.

É perceptível no poema a idealização romântica da natureza como símbolo de bondade, felicidade e alegria. O eu lírico é atraído pela harmonia dos movimentos dos narcisos, seu movimento que é capaz de deixar um poeta feliz e preencher seu coração com prazer. O eu lírico entrega-se ao prazer da natureza e dança junto com os narcisos.

Neste poema de Wordsworth é possível encontrar algumas ideias comuns ao pensamento da época. O filósofo francês Rousseau através de seus escritos, acreditava que as civilizações humanas escravizam as pessoas através de suas instituições. Sendo assim, o homem vive como escravo. As sociedades não só escravizavam o homem, como o

corrompiam. Rousseau acreditava que a bondade era inata ao ser humano e a sociedade o corrompia.

Basta essa ideia e crença e entendemos muito do poema “Daffodils”, de Wordsworth. No poema mostrado é visualizada uma natureza repleta de bondade e felicidade, longe da corrupção inerente às sociedades. O Romantismo inglês e também a poesia lírica de William Blake dialogaram muito com essas crenças e ideias que tornavam a Europa um caldeirão efervescente.

2.2 William Blake - uma introdução

William Blake nasceu na Londres de 1727, filho de pais de classe média. Desde muito cedo demonstrou aptidão para as artes em especial para a pintura, fato reconhecido por seu pai que o mandou para uma escola especializada na arte do desenho e pintura. Na poesia foi autor prolífico, possuidor de uma obra significativa e que de certa forma interpretou um período histórico definido marcado pelo Iluminismo e a Revolução Industrial.

A despeito de seu reconhecimento como artista em nossos tempos, Blake passou toda a sua vida sem ser reconhecido como um grande artista, sendo estereotipado muitas vezes como louco. Desta forma é explicável a inexistência de muitos estudos biográficos sobre Blake, pois geralmente os estudos privilegiavam as figuras mais “famosas” da época.

Singer (2004, p.23), assim se refere à existência de Blake destituída de “grandes” eventos:

[...] Apenas a terra é testemunha do dia em que ele desapareceu no anonimato de uma sepultura miserável, onde “dois” dias depois de seu cadáver ter sido enterrado, o de outro homem foi colocado sobre ele e, no dia seguinte, ainda outro corpo foi colocado sobre aquele.

A figura de Blake como poeta e artista foi relegada ao esquecimento, as suas páginas seja de prosa ou poesia e seus desenhos ficaram para a posteridade avaliar a sua importância e o seu valor estético. Hoje Blake vem sendo estudado sob diferentes focos analíticos e atualmente já se fala em uma doutrina dentro da obra de William Blake.

O poeta encarna uma das personalidades mais marcantes do Romantismo inglês por buscar em primeira instância um posicionamento em defesa do ser humano como ser dotado de imaginação e liberdade. Renunciar à imaginação que o ser humano possui é antes de tudo uma renúncia à essência da sua vida, e por que não dizer, à própria vida.

Blake foi uma voz de protesto em uma época dominada pelas ideias iluministas de progresso do homem e da sociedade, da grande evolução da ciência. Dentro desse contexto

surgiam as inquietações do homem nesse mundo cada vez mais racionalista. Singer (2004), afirma que Blake ao longo de sua carreira como escritor pregava a liberdade de espírito ao homem, o qual ele via como preso nas barreiras construídas pela razão, a lógica e a lei.

É correto afirmar que Blake visava criar reflexões sobre essas questões que parecem tão comuns em nossa era. A liberdade do homem foi de certa forma uma das bandeiras dos movimentos que seguiram à Revolução Francesa; em Blake é antes de tudo uma chance do homem mostrar o seu poder criativo, a sua imaginação.

Esse posicionamento do autor o coloca muitas vezes como uma presença isolada em relação a outros autores românticos da época, a saber: William Wordsworth, Samuel Taylor Coleridge e outros de outra fase do Romantismo inglês, como Lord Byron, Percy Bysshe Shelley e John Keats.

O conceito de imaginação permeia toda a sua obra, pois para ele era por meio da imaginação que o homem poderia libertar-se: *I must create a system or be enslav'd by another man's I will not reason & compare: my business is to create.*²

O poder imaginativo permitiria a ele celebrar a liberdade em um tempo cada vez mais cerceado. O sistema citado por Blake tem sido compreendido como a criatividade originária do poder imaginativo do poeta, capaz de tornar o homem um espírito livre, inclusive dos grilhões impostos por outros homens e pelas instituições da sociedade. Vê-se, assim, que o poeta nesse caso utiliza sua poesia como forma de expor seu pensamento a respeito da função da sua arte como produto da imaginação. Eu devo criar um sistema, assevera o poeta.

William Blake desenvolveu ao longo de sua obra uma verdadeira teoria do conhecimento, tendo questionado e dialogado com trabalhos de pensadores influentes da época. Cabe menção aqui às teorias do inglês John Locke e sua teoria do conhecimento e as ideias do pensador sueco Emanuel Swedenborg.

Em seu trabalho *Ensaio acerca do entendimento humano* John Locke postula que não há ideias inatas e desta forma não há conhecimento inato, e lança mão do pensamento de que viemos à terra como um papel em branco e a nossa vivência e a conseqüente experiência é que preenchem essa ausência. Assim, segundo Locke (1999, p.28), nossos conhecimentos são fruto dessa experiência:

De onde lhe provém este vasto enfoque, que a ativa e ilimitada fantasia do homem pintou nela como uma variedade quase infinita? De onde Apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo numa palavra: da

² Eu devo criar um sistema ou ser escravizado pelo sistema de outro homem. Eu não vou justificar nem comparar, minha função é criar.

experiência. Todo o nosso conhecimento está nela fundado, e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento.

O pensamento de Locke também diferencia a sensação da reflexão. A primeira relaciona-se com a percepção, enquanto a última está ligada à classificação das sensações e o desenvolvimento do processo de abstração de ideias inerentes a esse processo sendo, desta forma, um processo de racionalização do conhecimento.

Nesse mesmo pensamento, Blake defende certa superioridade da percepção que temos das coisas sobre a tentativa da memória de classificá-los e depois abstraí-los, fato comprovado pela afirmação de que os átomos não existem. Tal afirmação encontra espaço nas ideias de Blake que confere à percepção um poder maior que o ato racionalista de classificar ideias e padrões, uma vez que a noção de átomo desde Demócrito era antes de tudo abstrata, não restando razões para a sua existência.

E é justamente a noção de percepção relacionada com a imaginação que Blake abordou em muitos de seus poemas e inclusive define o papel do artista visionário, criador, que o pensamento romântico colocou no nível de uma figura divina em seus talentos.

É possível, desta forma, afirmar que a noção de percepção é central na obra de Blake e de certa forma indica o pensamento que o poeta tinha a respeito da arte. É possível encontrar nas ideias de Emanuel Swedenborg referência à imaginação, mas essa referência é feita apenas no que tange à importância da imaginação para o desenvolvimento da filosofia. Diferente de Blake que postula a existência de um contínuo imaginativo que somos capazes de fazer e a noção de que agir, pensar e desta forma imaginar, é pulso de vida.

Parte da importância desse conceito de percepção é encontrado em dois trabalhos líricos de William Blake, *Songs of Innocence* e *Songs of Experience*. Nestas obras poéticas, o poeta expõe “dois estados da alma” simbolizado por poemas que tratam de situações em que a inocência e a experiência ditam os rumos das imagens poéticas. Desta forma é possível encontrar poemas tais como *The divine form*, em *Songs of Innocence* e *The human abstract*, em *Songs of Experience*.

Como se sabe, a intenção de Blake foi expor os dois estados da alma, aquele em que se cultiva as belezas e a inocência da vida e a outra em que não resta espaço para a inocência, e sim os sofrimentos advindos do mundo destituído dessa inocência. E é relacionado ao conceito de percepção que encontramos poemas memoráveis de Blake, como as duas versões dos poemas *The chimney sweeper*, em *Songs on Innocence and Experience*.

É possível ainda encontrar no pensamento de William Blake críticas severas ao modo de pensar da época em que ele viveu. Samuel Johnson dizia que “grandes pensamentos são sempre gerais”. Tal afirmação encontrou terreno muito fértil na mentalidade do século XIX e era entendido até como um método de apreensão da realidade.

No entanto, Blake foge a essas acepções: [...] to generalize is to be an idiot. To particularize is the Alone distinction of merit. General Knowledges are those knowledges that idiots possess.³ Essa crítica ao processo de generalizações pode ser entendido como a manifestação de um dos grandes princípios dentro da obra de Blake que é a percepção universal das particularidades presentes no poema *Divine image*, de *Songs of Innocence*:

To Mercy, Pity, Peace, and Love⁴
All pray in their distress
And to these virtues of delight
Return their thankfulness

For Mercy, Pity, Peace and Love
Is God, our father dear,
And Mercy, Pity, Peace and Love
Is man, his child and care.

For Mercy has a human heart
Pity a human face,
And Love, the human for divine,
And Peace, The human dress

³ Generalizar é ser idiota. Particularizar é a única distinção de mérito. Conhecimentos gerais são aqueles que os idiotas possuem.

⁴ Por compaixão, piedade, paz e amor/Todos oram em suas aflições/E para essas virtudes de encanto/Retornam seus agradecimentos/Pois compaixão, Piedade, paz e amor/É Deus, nosso querido pai,/E compaixão, piedade, paz e amor./É O homem, sua criança e cuidado/Pois a compaixão possui um coração humano,/Piedade um rosto humano,/E amor,o humano para divino./E paz, a roupa humana./Assim, todo homem, em todos os climas./Que oram em suas aflições,/Oram para a divina forma/ humana/,Amor, compaixão, piedade, paz/E todos devem amar a forma humana/Os pagãos, os Otomanos, ou Judeus,/Onde compaixão, amor, e piedade habitam,/Lá Deus habita também..(tradução nossa)

Then every man, of every clime
That pray in his distress,
Prays to the human form divine,
Love, Mercy, Pity, Peace.

And all must love the human form,
In heathen, Turk or Jew,
Where Mercy, Love, and Pity dwell
There God is dwelling too.

No poema *Divine image* é possível encontrar certa ligação entre o homem e a figura de Deus. Na primeira estrofe, Blake nos apresenta as quatro grandes virtudes, compaixão, piedade, paz e amor. Quando humanos pedem essas virtudes em momentos de dificuldade é a Deus a que eles se reportam.

No decorrer do poema encontramos a forma humana e em outro verso a divina forma humana. Retomando o conceito bíblico de criação temos que Deus fez o homem conforme a sua imagem e semelhança, no poema é encontrada essa referência em divina forma humana. Nesse caso há uma ligação entre Deus e o homem, pois os homens também possuem piedade, paz e virtudes que os aproximam de Deus.

Independente do local ou das crenças religiosas, o eu lírico manifesta-se defendendo a posição que eles continuam mesmo assim com algo divino dentro de si. No campo das percepções particulares e longe das abstrações que separam o homem de sua “forma” divina, o homem e Deus mantem-se em harmonia. Segundo Nortrop Frye é esse jogo de particular e geral dentro do campo da percepção que dá origem ao bem e o mal dentro da obra de Blake.

3 IMAGENS DE OPRESSÃO NA LÍRICA DE BLAKE

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma breve noção de discurso e do discurso político, a posição do escritor na sociedade na qual vive, bem como a análise das imagens de opressão da Revolução Industrial inglesa em poema de William Blake. Para a realização desse estudo utilizou-se Candido (2006) Fontanille (2001), Damon (1988), Paz (2003),

3.1 O ESCRITOR E O DISCURSO POLÍTICO

O escritor possui variadas motivações para escrever, sendo essa motivação de ordem particular como algo prioritariamente pessoal ou pode ser coletiva. Homero, por exemplo, ao escrever suas grandes epopeias, a *Odisseia* e a *Ilíada* expôs um mundo grego rodeado de deuses, fatalismo, tragédia e algo muito comum às duas epopeias que é a glorificação do ser humano frente ao grande poder dos deuses.

Essas obras de Homero, embora escritas pelo poeta, pertencem a grandes narrativas antigas da Grécia, as quais já existiam de forma oral, cantada. A função do poeta aqui foi escrever as histórias em forma de poema para que não se perdessem no tempo. Entendemos assim, estas obras como de inspiração coletiva e a *lato sensu* podemos dizer que é a glorificação do homem o maior objetivo dessas epopeias.

Carlos Drummond de Andrade dirá que a matéria do seu poema é o tempo presente, a vida presente e os homens presentes, enfatizando assim o seu papel de diálogo com essa realidade imediata na qual estava inserido, ou um posicionamento do escritor em relação ao seu tempo; o poeta não quer fugir da realidade circundante como o fizeram alguns autores, e sim escrever sobre o que lhe é contemporâneo, o que lhe é mais próximo.

Seja Homero ou Drummond ambos escreveram em tempos diferentes, mas é possível afirmar que boa parte do que escreveram sofreu grande influência do quadro social da época; são, portanto, esclarecedoras as palavras de Antônio Candido:

[...] sabemos, que forças sociais condicionantes guiam o artista em grau maior ou menor. Em primeiro lugar, determinando a ocasião da obra ser produzida; em segundo, julgando da necessidade dela ser produzida; em terceiro, se vai ou não se tornar um bem coletivo. (CANDIDO, 2006. p.29)

Seguindo o pensamento de Antônio Candido as forças sociais influenciam o artista na gênese da obra de arte e mesmo as razões pelas quais tal obra deve existir. Tal posicionamento influi que inegavelmente o artista não está livre dos grilhões que o prendem à sua sociedade ou que querendo ou não seus trabalhos sempre terão algo de “social” em sua formação.

É nesse sentido que Thomas Stearns Eliot dirá que o grande poeta, ao escrever sobre si mesmo, escreve sobre o seu tempo. As palavras de Eliot colocam o poeta como indissociável de seu tempo, coisas inseparáveis.

Além desse peso de grande importância dos fatores sociais, o escritor ou poeta sofre limitações ou influência do esquema estrutural inerente à língua. O discurso em sua forma constitutiva permeia toda a produção artística e dessa forma requer um olhar diferenciado.

Faz-se necessário uma clarificação de alguns conceitos para uma melhor junção das ideias e compreensão do contexto artístico-criador do poeta no jogo da linguagem. Importante nesse momento são os conceitos de texto e discurso.

De acordo com Fontanille (2011, p.84-85) o texto não é objeto de estudo exclusivo dos estudos literários e esclarece que a linguística também o utiliza, por exemplo, na linguística textual. Mais importante da acepção textual do autor é o entendimento do texto como algo previamente estabelecido, ficando para os semioticistas e demais linguistas a sua análise.

O conceito de discurso enfrenta maiores dificuldades, sendo que existem diferentes noções e entendimentos relacionados a tal vocábulo. Ainda de acordo com Fontanille (2011, p.86) “o discurso é uma instância de análise” que segundo o autor não pode ser dissociada a sua produção, nesse caso a enunciação, do produto, o enunciado.

A definição de Fontanille envolve um jogo de correspondências intransponível entre o ato de enunciar e o enunciado, revelando sempre a presença da ligação entre as funções discursivas e as consequências desse jogo discursivo. O autor ainda postula a função do discurso de revitalizar figuras e outros discursos que existiam antes.

Texto e discurso, coisas que parecem iguais na linguagem cotidiana, são aqui tratadas como partes distintas do ato comunicativo. Desta forma são relevantes as palavras de Fontanille (2011 p89):

Grosso modo, a maior parte das concepções linguísticas interpreta o texto como um objeto material analisável, no qual se podem detectar estruturas, e o discurso como o produto dos atos da linguagem. Entretanto esses atos de linguagem manipulam e produzem estruturas, e as estruturas só podem ser atualizadas por atos de linguagem.

Retomando o pensamento expresso por Fontanille é correto afirmar que o texto é uma parte conclusa do ato comunicativo e o discurso é a junção de todos os atos envolvidos no ato comunicativo. Trilhando esse caminho chega-se à noção de que o discurso é um somatório do texto e o seu contexto de produção. Essa noção nos leva à ideia que o discurso em sua base de referências pode nos indicar situações ou nos mostrar “verdades” que o texto unicamente não nos é capaz de fazê-lo.

Tão grande quanto a quantidade de definições de discurso é o número de tipologias discursivas, a citar, por exemplo, o discurso midiático, o discurso pornográfico e o que nos interessa mais aqui, o discurso político.

Dentro das discussões teóricas pertinentes ao discurso político entra-se sempre no que se refere ao papel das emoções, sentimentos e paixões no jogo do discurso político. Nesse sentido Charaudeau (2007) afirma que as emoções se originam de uma racionalidade subjetiva, porque se pressupõe que as emoções são frutos da intencionalidade discursiva do enunciador.

O linguista francês pontua ainda que a relação que ocorre entre o sujeito e o objeto se faz através de representações, e que as emoções seriam a forma da concretização dessas representações. Assim, as emoções além de serem “intencionais” elas poderiam também funcionar como marca representativa.

No que se refere às emoções e o discurso, temos conceitos aparentemente inconciliáveis, uma vez que as emoções ficariam no campo da subjetividade e a argumentação, estrutura do discurso, estaria no campo da lógica e da razão. O que fica que a ligação entre os dois acaba sendo algo problemático: “A razão não tem nenhum domínio sobre a emoção. Por outro lado, um discurso que visa a produzir uma emoção, é por si próprio, refutável” (CHARAUDEAU, 2007, p 242).

Percebe-se certo entrelaçamento entre as emoções e o discurso e essa relação tem as suas consequências, que aqui serão chamadas de condições possíveis de negociação do jogo discursivo. Enunciador e interlocutor estariam condicionados a princípios que regulamentam o processo discursivo, a saber, o princípio da alteridade, da influência, da regulação e o princípio da pertinência. É diante desses princípios que passaremos a tratar do discurso político.

O discurso político segundo Charaudeau (2007) é uma fala que circula no espaço público e se insere numa cena política qualquer. Importante na acepção do linguista francês é o posicionamento desse discurso e sua importância social, uma vez que esse discurso faz parte

de um contexto social determinado. A função desempenhada por esse discurso e o seu modo de configuração é que realmente nos importa. De qualquer forma a cena do discurso político nos coloca diante de variadas situações e questionamentos, tais como quem lança essa fala (discurso), qual o objetivo, bem como, já mencionado anteriormente, o contexto de produção desse discurso.

Enfim chega-se à forma de configuração desse discurso:

A cena política se caracteriza por um dispositivo que é posto a serviço de uma expectativa de poder. Esta última coloca em presença uma instância política e uma instância cidadã. A instância política está direcionada a um “agir sobre o outro” que deve ser acompanhado de uma “exigência de submissão do outro”, o que explica que essa tensão seja orientada em direção à produção de efeitos (CHARAUDEAU, 2007, p 247).

Assim, de acordo com o excerto, o discurso político envereda pelas trilhas do poder, é a ele que esse tipo de discurso visa em sua configuração. No tocante à política e à cidadania observa-se que o discurso político tem objetivos muito claros, como no exemplo que é “agir sobre o outro”. Esse objetivo está diretamente ligado, como já foi mencionado aqui, com essa característica do discurso político que é estar envolvido nas cenas do poder.

Podemos afirmar ainda que o discurso político surge com o objetivo de repensar e poderíamos até modificar essa configuração de poder existente. Disso decorre que o discurso político possui em sua constituição o cerne da mudança da condição preexistente. Em Blake pulsa uma denúncia muito grande frente à exploração sofrida pelos cidadãos ingleses, e essa denúncia é feita ao leitor através das amarras do discurso político.

Em relação a essa colocação temos, por exemplo, o tipo de discurso político conhecido como *Argumentum ad passiones* na qual o sujeito argumentante realiza um apelo às paixões do interlocutor afim de que a sua tese seja aceita.

Portanto o conceito de discurso político é de grande importância para um entendimento dos mecanismos existentes nas trocas discursivas, e como não dizer para entender o mundo a nossa volta, o qual se nos mostra permeado de trocas discursivas intensificadas pela linguagem.

3.2 ANÁLISE DAS IMAGENS DE OPRESSÃO

A palavra imagem tem recebido ao longo da história variados significados, por vezes a acepção de representação, vulto. No entanto a acepção que nos interessa aqui é a de Paz

(2003) que designa por imagem toda forma verbal ou grupo de frases que unidas formam o poema. Desta forma poderíamos falar de imagens poéticas.

As imagens poéticas possuem em seu interior vozes dissonantes que por ora se contradizem, mas que conseguem mesmo assim formar um conjunto, um inteiro significante da linguagem literária. Ainda segundo o poeta e crítico mexicano a imagem, não importando a forma como é reconhecida - metáfora, símile, alegoria, mitos -, guardaria todas em comum a pluralidade de significados das palavras sem que a linguagem perca a sua qualidade mais importante que é de transmitir significados os mais diversos.

Assim, a imagem pode servir para descrever objetos, pessoas, emoções sem que o repertório de significados se esgote, e mais importante, as palavras esbarram na incapacidade de descrever o mundo existente por estarem limitadas ao modo de pensamento ocidental de *isto* e *aquilo*. Acostumamo-nos a pensar e a existir tendo em nossa mente o pensamento de substituição, ou um objeto é isso ou é aquilo, o sol está quente ou frio, a árvore ou é grande ou pequena.

Entretanto as imagens são capazes de recuperar a riqueza linguística e a capacidade de descrever o real, capacidade essa que as palavras já perderam, por que no mundo das imagens “ser é existir”, portanto as imagens não obedecem ao nosso restrito modo de raciocinar e entender o nosso mundo.

Seguindo nessa trilha dirá Octávio Paz que a Imagem é capaz de “dizer o indizível”, ou que “a imagem é cifra da condição Humana” Ainda segundo Paz (2003, p, 45): “As imagens do poeta tem sentido em diversos níveis. Em primeiro lugar, possuem autenticidade: o poeta as viu ou ouviu, são a expressão genuína da sua visão e experiência do mundo [...]”

As imagens poéticas têm assim além de seu caráter plural, certo grau de ligação com a vida experienciada pelo poeta, e dessa forma constitui-se em um elemento de revelação de verdades ditas psicológicas. É nesse sentido que nos propomos a analisar as imagens poéticas de opressão presentes na obra do escritor William Blake, acreditamos que essa análise das imagens possa nos fornecer outra forma de conhecimento, outra perspectiva ou como poderíamos dizer, outra verdade. Começemos então pelo poema *Holy Thursday* poema presente no livro *Songs of experience*.

Is this a holy thing to see⁵

⁵ Isso é algo sagrado de ver,/Em uma terra rica e frutífera,/Crianças reduzidas à miséria,/Alimentadas com mãos frias e de usura?/É esse choro trêmulo uma canção?/Pode ela ser uma canção de alegria?/E tantas crianças pobres?/Essa é uma terra de pobreza!/E o sol deles nunca brilha/E seus campos são sem vida e desprotegidos,/E

In a rich and fruitful land,
Babes reduc'd to misery,
Fed with cold and usurious hand?

Is that trembling cry a song?
Can it be a song of joy?
And so many children poor?
It is a land of poverty!

And their sun does never shine,
And their fields are bleak and bare,
And their ways are fill'd with thorns:
It is eternal winter there

For where'er the sun does shine,
And where'er the rain does fall,
Babe can never hunger there,
Nor poverty the mind appal.

(BLAKE, 1994. p, 76-77)

Começamos a análise pelo título do poema, *Holy Thursday*. Segundo a tradição cristã, na Sexta-feira Santa Jesus Cristo foi crucificado e ressuscitou no domingo de Páscoa. A Paixão de Cristo bem como o processo de crucificação envolve uma infinidade de significados e sentimentos, mas as acepções mais comuns dão conta da sacralidade do momento.

Isso se deve ao fato de ter sido neste dia que Jesus Cristo foi crucificado de, segundo a tradição cristã, ter sido nesse dia em que o Criador manifestou o seu grande amor pela humanidade sacrificando o Seu Filho para salvar todos os seres humanos dos seus pecados. Simbolizando, assim, o amor divino pela humanidade.

No poema de Blake tem-se a Quinta-feira Santa no caso véspera desse grande momento simbolizado pela crucificação. O título do poema nos remete ao dia que Jesus realizou a Última Ceia com todos os apóstolos, representando assim, um momento de comunhão, partilha e amor.

seus caminhos estão cheios de espinhos,/É um eterno inverno por lá/Pois onde quer que o sol brilhe,/E onde quer que a chuva caia,/Os bebês nunca terão fome lá/E nem a pobreza amedrontar a mente.(tradução nossa)

No seguimento do poema apresentam-se dados que nos colocam em outros pensamentos. O eu lírico utiliza símbolos e ritos religiosos para buscar uma reflexão da situação de degradação sofrida pela criança como veremos mais na frente.

Logo na primeira estrofe o eu lírico questiona-se sobre a sacralidade do momento e da situação, pois uma “terra rica e frutífera” contrasta definitivamente com o estado das crianças reduzidas à miséria. O eu lírico chama a atenção para esse fato, a questão da pobreza das crianças e isso em um local onde se tem muitas riquezas.

Esse problema foi realmente um fato contemporâneo de Blake enquanto leitor de seu tempo. Nos percursos da Revolução Industrial inglesa em muitas ocasiões foram utilizadas crianças para trabalhar nas indústrias, trabalho extremamente cansativo e que por vezes os tornavam escravos. O autor denuncia essa realidade ao propor para os leitores essa reflexão acerca da situação das crianças.

Diante da situação desesperadora das crianças o eu lírico questiona-se se o choro das crianças é uma canção. Nesse caso percebe-se uma retomada do tema da Quinta-feira Santa, pois geralmente nessas datas festeja-se muito e a forma tradicional de celebrar é através de músicas, hinos de louvor ao Senhor Deus. Os Salmos inclusive antes de serem escritos em livros faziam parte de uma tradição oral na qual eram cantados em louvor a Deus juntamente com instrumentos de música.

Não há canção alguma na Quinta-feira Santa do poema, o que existe é um choro de criança e a pobreza. Diante desse quadro o eu lírico não tem outra atitude senão reconhecer que a terra rica e frutífera é na verdade uma “terra de pobreza”.

Na terceira estrofe é demonstrado um verdadeiro pessimismo por parte do eu lírico, que não encontra chance alguma de essas crianças terem uma vida melhor. E essa ideia é passada através das seguintes metáforas: o sol que não brilha, os campos que são desprotegidos, os espinhos no caminho e por último a metáfora do inverno, representando no poema um momento frio, triste e angustiante.

Na última estrofe o eu lírico vislumbra uma terra idílica onde as crianças não passariam fome, um local onde o sol brilhe e a fome não persista na vida dos bebês. No poema Blake realiza um processo de intertextualidade com o texto bíblico para denunciar a situação de degradação a que estavam submetidas as crianças inglesas, como se percebe no trecho que segue:

O Reino pertence aos pobres _ Então levaram crianças para que Jesus pusesse as mãos sobre elas e rezasse. Mas os discípulos as repreendiam. Jesus, Porém, disse:

“Deixem as crianças, e não lhes proibam de vir a mim, por que o Reino do Céu pertence a elas”[...]

(MATEUS, 19. 13-15)

As crianças descritas em Mateus recebem os braços abertos de Jesus, pois o Reino dos Céus pertence àqueles que sofrem, que são oprimidos, são pobres. No Poema *Holy Thursday* não há amparo para as crianças que perecem na miséria, não há braços que as acolha.

É através dessas imagens que Blake denuncia a pobreza e a fome das crianças em uma sociedade das mais ricas da época, marcada por infortúnios como o mostrado no poema *Infant Sorrow*.

My mother groan'd, my father wept⁶
Into the dangerous world I leapt
Helpless, naked, piping loud
Like a fiend hid in a cloud

Struggling in my father's hands,
Striving against my swaddling-bands,
Bound and weary, I thought best
To sulk upon my mother's breast.

(BLAKE, 1994.p 82)

No poema “*mágoa infantil*” percebe-se que se trata de um nascimento de um bebê. Dentro dessa perspectiva o poema é direcionado a partir do ponto de vista do bebê, que chega à vida terrena, saindo do conforto do útero de sua mãe e caindo em um mundo hostil. Esse mundo afugenta o bebê, que se esconde no seio de sua mãe.

É perceptível no poema um uso deliberado do tempo passado, sendo que se trata de um nascimento, o que de certa forma nos passa a ideia de que não é uma criança a pessoa narrativa do poema, mas sim uma pessoa que cresceu e que agora está relembrando de suas experiências do ponto de vista infantil.

Tal experiência revela-se não muito boa. Primeiro percebemos que o nascimento da criança não foi bem vindo, revelado pelo lamento do pai. Assim a criança já nasce em um mundo que a exclui, um mundo em que ela está desprotegida, “despida”.

⁶ Minha mãe lamentou, chorou meu pai/ quando saltei no mundo cheio de ais;/ berrando, inerte, pálido e despido,/ como um elfo entre as nuvens escondido. /Lutando contra as mãos que me amparavam,/forcejando entre os cueiros que me atavam/enleado e exausto, considereei bem/ e no seio afundei de minha mãe.(Tradução de Rodrigo Sultana)

A metáfora existente no termo “despido” é muito importante para compreender o poema, pois se liga ao estado de indefeso que é inerente aos bebês. Destituídos da força e da capacidade de viver por contra própria, os bebês precisam dos cuidados dos pais para viver.

Na outra estrofe do poema percebemos um movimento de luta do bebê no que se refere aos pais. Ele luta contra os braços que o seguram, tenta de certa forma ir contra algo que deveria ser o carinho e cuidados que os pais devem dar aos bebês. Depreende-se dessa imagem que o bebê tenta livrar-se dos braços de quem o segura, por sentir-se oprimido por essas pessoas.

Esse movimento de luta e conseqüente rebelião do bebê podem ser relacionados a um dos temas mais importantes do Romantismo inglês e da poesia de William Blake, que é a criança como fonte de inocência. Seguindo essa ideia é possível encontrar no poema a inocência da criança frente ao mundo da experiência, e esse jogo de inocência e experiência molda boa parte da obra lírica de Blake.

Como já vimos anteriormente, a influência das ideias de Jean-Jacques Rousseau foi muito forte sobre o Romantismo inglês, e na poesia de Blake o homem natural e bom pensado por Rousseau encara a sua investida no mundo da experiência, dois estados da alma.

A sociedade como corrompida e a civilização como fonte dos males de que as pessoas são vítimas é uma ideia de grande importância para o poema *Infant sorrow* como poema que representa a inocência frente aos males da experiência.

Nesse sentido percebe-se no poema a presença de certa opressão enfrentada pelo bebê que tenta se desvencilhar dela e sem sucesso resolve “afundar-se” nos seios de sua mãe, gesto simbolizante de medo e busca de abrigo. Blake utilizou muito essa imagem da criança enfrentando um mundo que lhe é hostil e que em alguns casos a expõe a uma situação de degradação muito grande como vemos no poema *Chimney-Sweeper*:

A little black thing among the snow,⁷
Crying ‘weep! weep!’ in notes of woe!
‘Where are thy father and mother, say?’
‘They are both gone up to the church to pray

⁷ Uma coisinha preta entre a neve/Gritando ‘lamento! lamentado!’ em notas de angústia./‘ Onde estão seu pai e sua mãe, pergunto?-/‘ Ambos foram para a Igreja rezar/‘Por que eu era feliz sobre a charneca,/E sorria entre a neve do inverno,/Eles vestiram-me em roupas de morte/E me ensinaram a cantar em notas de angústia/‘ E por que sou feliz e danço e canto,/Eles acham que não me feriram de forma alguma/E foram louvar a Deus e seu Padre e Rei,/Que criam um paraíso da nossa miséria. (Tradução nossa)

‘Because I was happy upon the heath,
And smil’d among the winter’s snow,
They clothed me in the clothes of death,
And taught me to sing the notes of woe.

‘And because I am happy and dance and sing,
They think they have done me no injury,
And are gone to praise God and his priest and King,
Who make up a heaven of our misery.’

O contexto de surgimento da figura do Limpa-chaminés é a fria Inglaterra onde longas casas possuíam chaminés onde era queimado carvão para manter a casa aquecida. Mas vamos seguir para a análise propriamente dita.

O eu lírico descreve o limpa-chaminés como uma coisinha preta entre a neve, ligando a cor do limpa-chaminés (preta) em decorrência do carvão e já iniciando o poema com um contraste entre negro/branco, chamando a atenção do leitor para algo que causa certo estranhamento.

No decorrer do poema temos conhecimento da situação do limpa-chaminés. Nesse caso em estado de lamento e angústia é como ele é apresentado, como “gritando lamento, em notas de angústia” já a partir desses versos é possível perceber o tom da denúncia desencadeada pelo eu lírico ao tratar da situação vivida pelo limpa-chaminés.

No final da primeira estrofe o eu lírico pergunta onde estão os pais do limpa-chaminés, que pode provavelmente ser uma criança pela ênfase dada pelo eu lírico à ausência dos pais do limpa-chaminés. É nesse ponto que devemos focar a nossa atenção. Enquanto os pais do “limpa-chaminés” foram para a Igreja rezar, o filho achava-se em uma situação degradante.

Para entendermos o peso desses versos é preciso conhecer o pensamento de Blake acerca das igrejas e os seus rituais. De acordo com S. Forster Damon em seu livro *A Blake Dictionary*, é destacado que na obra de Blake a Igreja, os clérigos e os reis representam o mal que governa as sociedades. Blake atribui, assim, a essas instituições características opressoras, pois segundo o autor tais instituições eram a fonte do mal da sociedade, e dessa forma oprimia os cidadãos.

Tendo-se isso em vista é mais fácil perceber a referência de Blake à Igreja, que aqui no poema refere-se ao local onde os pais foram rezar e enquanto isso, seu filho estava limpando as chaminés da fria e angustiante Inglaterra.

Na estrofe seguinte ficamos sabendo que foram os próprios pais que colocaram o menino na situação degradante. Os dados que são fornecidos tendem a aumentar o drama do

limpa-chaminés. Ao vestirem o filho com “roupas de morte”, seus pais foram os responsáveis por trazer a dor, o sofrimento e a angústia para a vida dele. E o que Blake faz é denunciar esse fato, essa exploração do trabalho que foi de certa forma algo muito comum durante a Revolução Industrial inglesa: homens, mulheres e crianças eram os sujeitos de tal exploração.

Ainda na mesma estrofe percebe-se que o limpa-chaminés sabe da sua situação, reconhece as pessoas causadoras do mal que ele enfrenta, e através de suas palavras, põe no rei e no padre a culpa de criar “um paraíso da nossa miséria”. Tais versos podem ser entendidos como uma denúncia que tanto a Igreja quanto a Coroa inglesas, enquanto instituições, tinham a sua parcela de ganho com toda a miséria vivenciada pelo limpa-chaminés.

Desta forma tendo em mente o contexto histórico-social de exploração que ocorreu na Inglaterra durante a Revolução Industrial é possível compreender o drama do limpa-chaminés e o tom denunciador de Blake. E o que fica é que a figura do rapaz que limpava as chaminés dos ricos foi muito frequente na história da Inglaterra, tendo sido retratado em muitos filmes ou mesmo servido de intertexto para outras obras literárias.

Diante do que foi analisado até agora se percebe uma preocupação Blakiana muito grande em denunciar a exploração do cidadão, essa exploração em suas consequências não marcam um ou outro cidadão, mas um povo, como no poema *London*:

I wander thro' each charter'd street,⁸
Near where the charter'd Thames does flow,
And mark in every face I meet
Marks of weakness, marks of woe

In every cry of every Man,
In every Infants cry of fear,
In every voice, in every ban,
The mind-forg'd manacles I hear.

How the chimney-sweeper's cry
Every black'ning church appals;
And the hapless soldier's sigh
Runs in blood down palace walls.

⁸ Eu vagueio por toda a cidade mercantilizada/Próximo de onde o Tâmis mercantilizado flui,/E marcam em cada rosto que eu encontro,/Marcas de fraqueza, marcas de angústia./No choro de cada homem/Em cada choro infantil de medo,/Em cada voz, em cada interdição,/As algemas formadas pela mente eu ouço,/Como o Limpa-chaminés grita,/Assusta a Igreja escurecida pelos anos;/E o suspiro do soldado desamparado,/corre em sangue pelas paredes palaciais./Mas o que mais eu ouço à meia-noite nas ruas/ É a maldição da jovem meretriz/Que estanca o pranto do recém-nascido/
E empestia a mortalha conjugal. (tradução nossa)

But most thro' midnight streets I hear
How the youthful harlot's curse
Blasts the new-born infant's tear,
And blights with plagues the marriage-hearse.

(BLAKE, 1994, p.83)

O título do poema nos remete a Londres, grande centro político-administrativo da Inglaterra. Desde muito cedo Londres se colocou como um dos mais importantes locais da Europa e durante a Revolução Industrial era ao lado de Manchester uma das cidades mais ricas da Inglaterra, mas não vamos nos ater muito nisso, vamos para a análise de “Londres”.

Na primeira estrofe o eu lírico descreve o seu ato de vaguear pela cidade, e o que ele encontra é uma cidade mercantilizada. A cidade mercantilizada que o eu lírico presencia é uma na qual seus principais componentes são utilizados como ferramentas mercantis, a cidade é “vendida” e passa a funcionar em razão do lucro presente no processo de mercantilização. O peso desses versos só aumenta quando temos conhecimento que o eu lírico vagueia pela Londres próxima do Tâmis, rio que é usado como ferramenta mercantil.

No decorrer da estrofe o eu lírico vê marcas nos rostos das pessoas que ele encontra, marcas de fraqueza e angústia. Tais marcas como o próprio eu lírico nos apresenta são deixadas por essa cidade mercantilizada juntamente com seus componentes como o rio Tâmis cujas águas banham com sofrimento a vida das pessoas.

Nessa primeira estrofe percebe-se que o eu lírico encontra na sua cidade mercantilizada fonte da tristeza e o sofrimento que afligem o povo londrino. Nesse caso, o processo de mercantilização presente na cidade funciona como uma válvula de propulsão para a exploração desse povo que vive na Londres e é banhado pelo Tâmis.

Na segunda estrofe percebe-se que os problemas presentes na cidade mercantilizada atingem a todos desde crianças até homens. Nesse sentido o eu lírico encontra “algemas” em todas as pessoas que vê. Esse é um tema muito frequente na obra de Blake, pois como já foi citado anteriormente, Blake desenvolveu em sua obra uma defesa da liberdade do ser humano frente às instituições que o controlava.

No poema “London” o eu lírico percebe que as pessoas portam algemas da mente. Tais algemas não podem ser senão o controle das instituições oficiais da cidade que vem representadas pela cidade mercantilizada. O eu lírico faz alusão justamente a esse controle

mental que as pessoas possuem nesse ambiente dominado pelo comércio e pela lógica da venda de seus componentes.

Na terceira estrofe encontra-se uma denúncia do eu lírico. A cidade assiste aos sofrimentos do limpa-chaminés e ouve o suspiro do soldado desamparado. O soldado e o limpa-chaminés funcionam como personagens da exploração na Londres do eu lírico.

Importante também é que o grito do menino assusta a Igreja escurecida pelos anos, mas o que significa nesse sentido “Igreja escurecida pelos anos”? Como mesmo nos é apresentado a presença do adjetivo “escurecido” permite ao eu lírico descrever um processo de transformação pelo qual passou a Igreja, essa transformação pode de certa forma explicar o assombro, o susto que a Igreja tem ao ouvir os gritos do sofrimento do limpa-chaminés.

A ligação entre a característica mercantilista da cidade e os males trazidos para a vida dos cidadãos ganha o seu tom simbólico na última estrofe no caso em que o eu lírico retoma provavelmente a narrativa da cidade cheia de corrupções e maldades sob o nome de “meretriz”.

Como o próprio eu lírico afirma no decorrer da estrofe ele ouve a maldição deixada pela meretriz que acompanha desde os recém-nascidos até as núpcias. Mas essas situações são expostas de uma forma não convencional, pois a meretriz acompanha o pranto dos recém-nascidos, nesse caso a palavra pranto já se configura como conotativa da situação de sofrimento presente na vida dos recém-nascidos.

O casamento representado pelas núpcias, no poema é tratado sob a “mortalha conjugal” adicionam-se, assim, características negativas a fatos e situações consideradas “boas” como o nascimento de um bebê ou uma união matrimonial. Essas mudanças fazem parte do quadro de mudanças presentes na cidade dominada pelo comércio, essa cidade é a mesma meretriz, essa é a Londres.

No poema *London* percebe-se uma preocupação do eu lírico em expor uma cidade dominada pelo comércio e a influência que esse contexto mercantilista tem na vida das pessoas, as riquezas fruto da mercantilização de Londres trazem ao contrário do que pareça doença, tristeza e angústia para os seus cidadãos. Tanto que o eu lírico a eleva à condição de meretriz, nesse caso um jogo de intertextualidade com a Babilônia bíblica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo-se em vista a análise dos poemas de William Blake, concluiu-se que o autor construiu uma obra considerada de resistência contra as mudanças ocasionadas pela Revolução Industrial inglesa. Essas mudanças transformaram por completo a vida das pessoas, principalmente as pessoas pobres.

Em uma época dominada pelo espírito de mudança e crescimento econômico proporcionado pela Revolução Industrial, Blake virou seus olhos para aqueles que sofriam diante dessa situação. Époça de paradoxos, desigualdades e injustiças.

Na poesia de Blake encontra-se, como se fosse num retrato, a exploração das pessoas operada pelos detentores do dinheiro e o poder na Inglaterra da Revolução Industrial inglesa. Nos poemas *Chimney-Sweeper* e *London*, como vimos na análise, o eu lírico denuncia a exploração e o controle de certas instituições sobre o cidadão inglês; em *Holy Thursday* o eu lírico nos leva a uma reflexão à situação de pobreza e miséria a que estavam reduzidas as crianças.

Blake desenvolveu o seu trabalho dentro do contexto do movimento Romântico Inglês. Dessa forma, boa parte do que escreveu carrega esse tom Romântico. A imaginação certamente é o que mais liga Blake ao movimento e nesse sentido a obra *blakiana* configura-se como herdeira da tradição Romântica.

Enfim, a Revolução Industrial inglesa trouxe mudanças irreversíveis para a sociedade da época, o crescimento econômico, urbano, acirramento das disputas econômicas, como também trouxe exploração, desigualdades e pobreza para a vida dos cidadãos ingleses.

Na obra de Blake as desigualdades sociais e a pobreza se enquadram no signo da opressão trazida pela Revolução Industrial. É a visão de Blake como leitor do seu tempo, tempo esse marcado pelas crenças de progresso social e intelectual, diminuição das fronteiras de mercado, e pela pobreza e a opressão, poeticamente representadas em sua obra.

REFERÊNCIAS

- BERLIN, Isaiah, Sir. *The Roots of Romanticism*. Princeton University Press, 2001.
- BLAKE, William. *The Works of William Blake*. Hertfordshire: Wordsworth, 1994.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CARMO, Maria Izabel Mazini do. *As condições da classe operária à época da Revolução Industrial*. Disponível em: < <http://www.historia.uff.br/nec/materia/grandes-processos/condi%C3%A7%C3%B5es-da-classe-oper%C3%A1ria-%C3%A0-%C3%A9poca-da-revolu%C3%A7%C3%A3o-industrial-> > Acesso em 15 Maio 2012.
- CARTER, Ronald; MCRAE, John. *The Routledge History of Literature in English*. Routledge, 2001.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Pathos e discurso político*. Trad. de Emília Mendes. In: *As emoções no Discurso*. MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília. (orgs). Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DAMON, S.Foster. *A Blake Dictionary: The ideas and symbols of William Blake*. University Press of New England, 1988.
- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- FONTANILLE, Jacques. *Semiótica do Discurso*. Trad. de Jean Cristus Portela. São Paulo: Contexto, 2011.
- FRYE, Northrop. *Fearful symmetry*. Princeton University Press, 1969.
- GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- HOBBSAWM, Eric. *A era das revoluções*. 26 ed. São Paulo: Paz e terra, 2010.
- HACKETT, Lewis. *Industrial Revolution*. Disponível em: < <http://history-world.org/Industrial%20Intro.htm> >-. Acesso em 27 Mai 2012.
- INDUSTRIAL Revolution. Disponível em: << <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/287086/Industrial-Revolution->>> >>. Acesso em 12 Mai 2012.
- LOBO, Huertas. *A arte e a Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.
- LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- MATEUS: In: *Bíblia*. Brasília: Papilus, 1991

MONTAGNA, Joseph A. *The Industrial Revolution*. Disponível em:<<
<http://www.yale.edu/ynhti/curriculum/units/1981/2/81.02.06.x.html>>>- Acesso em 20 Jun
2012.

SINGER, June. *Blake, Jung e o Inconsciente Coletivo: o Conflito Entre a Razão e a
Imaginação*. Madras, 2004.